Existiu uma cultura fascista? No duplo sentido, ser feita por fascistas declarados ou ser de conteúdo fascista, nunca existiu realmente. Quanto ao que diz respeito ao conteúdo do que se chamará "doutrina fascista", o regime não teve um pensamento original.

HAROLDO CAMARGO

* *
*

GOLLWITZER (Heinz). — *Geschichte des weltpolitischen Denkens*. Vol. 1: *Vom Zeitalter der Entdeckungen bis zum Beginn des Imperialismus*. Göttingen. Vandenhoeck & Ruprecht. 1972. 535 p.

A "História das idéias da política mundial", do historiador alemão Heinz Gollwitzer, da Universidade de Münster, prevista para dois volumes, o primeiro abrangendo as épocas desde os grandes descobrimentos até o advento do imperialismo, parte da éxperiência, hoje generalizada, da "política mundial", como "ponto pacífico também na consciência pública". Sem pretender apresentar "nem filosofia da história nem teoria das relações internacionais", o autor se propõe à grande tarefa de seguir, na sua evolução histórica, a formação das idéias de política mundial e da história da consciência política. Diz o autor, na contra-capa da sua volumosa obra: "Como e desde quando se concretizou, na consciência do homem, a possibilidade e, mais tarde, o próprio fato de uma "política mundial"? Quais foram os pontos de vista que determinaram, no decorrer do século (muito mais: 'no decorrer dos séculos'! — J. A.) as concepções e projetos de política mundial? Que diagnoses da política mundial foram lançadas, que programas foram desenvolvidos? Na história da política mundial, porém, as idéias, projetos e programas sempre nasceram em determinadas situações históricas; por isso são incluídos na análise, continuamente, o desenvolvimento da política do poder e as transformações das sociedades".

A obra de Gollwitzer corresponde a tal programa e propósitos? — e ao próprio título? — O próprio autor afirma que "a política mundial, na sua retrospectiva, é história política mundial, é só uma parte da história universal" (p. 32). Efetivamente, o autor não pretende nenhuma universalidade diante da "extensão quase imensurável do material à disposição, só podendo adotar um sistema seletivo" (p. 5). Escolhe, de cada época em apreço, ao lado de um grande número de autores "secundários", dois pensadores ou publicistas a serem tratados mais especificamente (Tommaso Campanella, Richard Hakluyt; Leibniz, Vauban; G. Th. Raynal, C.-Fr. Volney; Abbé de Pradt, A. Hill Everett; Richard Cobden, Friedrich List). O capítulo sistemático introdutório propõe, como aliás o livro inteiro, "como objetivo mais urgente, tornar mais plástico e cinzelar melhor o conceito das idéias da política mundial, evidenciando-o como parte da consciência político-histórica moderna, introduzindo-o e

assegurando sua aceitação" (p. 6). E é neste quadro teórico geral que constatamos uma outra limitação do trabalho: o autor parte, na sua definição de "política mundial", do *fait accompli* da situação criada pela expansão européia, pela "europeização" do mundo nas épocas da Colonização e do Imperialismo. As próprias fontes usadas refletem tal limitação: fontes européias e norte-americanas.

Certamente não pretendemos preconizar a existência de grandes sistemas teóricos de política mundial fora do âmbito europeu e europeizado, mas mesmo nos parágrafos introdutórios denominados de "prolegômenos para o conceito da política mundial", "pré-história da política mundial" e "tradições universalistas", o autor não nos lembra o relativismo da escolha. Gollwitzer apresenta, por exemplo, a "política mundial", concebida no "cosmos" polarizado pela China, lado a lado com impérios da Antiguidade (p. 18, 35, 37), enquanto há a diferença essencial de terem existido, na Ásia como na Amé-ica precolombiana, altas culturas com tradições universalistas bem definidas, porém destruídas pela expansão de um só tipo de política mundial, do tipo europeu, a partir dos grandes descobrimentos.

Gollwitzer define "política mundial" pelas categorias formais da interdependêicia, da interação, do "princípio do pluralismo no desenrolar da história mundial, e, històricamente, pela "tomada de consciência de que nosso planeta é um todo, junto com o começo da corrida dos poderes europeus para ganharem as posições decisivas neste mundo ampliado" (p. 19-20). Basta tal imagem de "um mundo ampliado" para evidenciar que o autor parte de um conceito de "política mundial" em parte realizado, historicamente, pela emancipação política e econômica dos Estados Unidos e do Japão (cf. a definição de G. Barraclough, p. 19), e, a partir da Segunda Guerra Mundial, pelo crescente processo de emancipação dos países do "Terceiro Mundo". As próprias teorias tratadas por Gollwitzer reclamam e partem elas próprias de categorias diferentes: expansão, descobrimento, conquista, dominação, exploração, hegemonia, monarquia universal, substituição de um monopólio hispanico-português por um outro da Inglaterra ou (a ser mostrado certamente no segundo volume, ainda não publicado), revezamento entre a Inglaterra e os Estados Unidos como a primeira potência econômica mundial.

Vale um exemplo prático para evidenciar a insuficiência das categorias teóricas. Falando do "Imperialismo do Livre Comércio", o autor considera "a expansão como forma de comportamento adequada, na época, à sociedade dinâmica ocidental, enquanto as sociedades asiáticas e africanas tentaram isolar-se, sentindo porventura a sua inferioridade técnica. Tem que se considerar, por exemplo, neste contexto de choque de uma sociedade enrijecida e defensiva com uma sociedade expansionista e otimisticamente progressista, as guerras da Inglaterra contra a China..... Em última análise, tais acontecimentos trouxeram proveito para a modernização e emancipação da China, mesmo se, pri-

meiramente e durante longos decênios, o Império foi arrojado em terríveis crises....." (p. 428).

A "História das idéias da política mundial" se apresenta, assim, como a história das idéias da política européia e norte-americana no mundo, como a história do tipo de política mundial que, na terminologia de Darcy Ribeiro, se apresenta como agente da "atualização ou incorporação histórica".

Um outro aspecto do livro a ser submetido a um exame crítico é a relação entre as idéias da política mundial e a própria política mundial, isto é, a questão da vigência prática dos grandes pensadores e dos grandes sistemas teóricos. "Conta entre os propósitos deste livro, propósitos a serem realizados certamente só de modo imperfeito, manter claramente o fator político como fio condutor e levar em conta e considerar, devidamente, por outro lado, a relevância que têm, para a política mundial, os fatores universais que não são, essencialmente de ordem política" (p. 15). Em que medida o pensamento, no âmbito da política mundial, é reflexo da realidade do poder; em que medida os teóricos estavam ligados aos centros do poder; em que medida as idéias e os sistemas adquirem uma dinâmica própria, constituindo-se num fator atuante da grande política? Nos casos de Richard Cobden e de Friedrich List, já os dados biográficos principais, retraçados pelo autor, nos oferecem um quadro seguro para podermos avaliar as diferenças essenciais dos dois quanto ao grau da "atuação política" das suas idéias. Com outros autores, o grau de influência direta ou indireta permanece menos claro. Falando sobre Tommaso Campanella, figura trágica que não abjurou seu espírito de independência intelectual nem mesmo durante quase trinta anos nas prisões da Inquisição, o autor nos oferece um capítulo sobre os "efeitos e repercussões" da obra grandiosa deste "Doutor Fausto da Contra-Reforma". Obviamente "não se pode considerar Campanella, encarcerado e torturado pelos poderes contra-reformatórios, como "ideólogo chefe" deste mesmo grupo... Não o que ele realizou, mediata ou imediatamente, dá-lhe importância, mas o que ele representou e pressentiu, e as tendências intelectuais concretizadas na sua obra" (p. 107). Efetivamente Gollwitzer constata que "não pode haver questão de qualquer efeito imediato dos projetos de Campanella sobre a política mundial", e que a "Monarquia Hispânica" e as ameaças aí formuladas em relação ao protestantismo deram origem, nos Países Baixos, à maxima "melhor turco do que papista", sem por isso impedirem que os próprios protestantes publicassem os manuscritos de Campanella (p. 106-7). Nos outros autores comentados (a não ser em relação aos já citados Cobden e List), o professor Gollwitzer nos dá valiosas embora só esporádicas indicações sobre a possível relevância prática ou ideológica das obras e dos autores comentados, caracterizando, por outro lado, de Pradt como "autor não especialmente influente", com traços de reformismo ridículo nas suas concepções (p. 401). E — para dar outro exemplo — parece óbvio que o anticolonialismo e anticomercialismo radical e moralista de Volney podia "encontrar atenção crítica" apesar ou mesmo por causa da sua posição tão

afastada de qualquer tipo de concretização ou influência, e a obra de Raynal, cujas "alternativas propostas quase sempre são utópicas" (p. 272, nota 144), assim mesmo teve grande repercussão, ao menos no ambiente dos salões.

O autor preconiza, como uma exigência "óbvia", estudar "o pensamento da política mundial ... em estreita ligação com o andamento geral da história e (a ser) analisado no seu relacionamento dialetico com a política mundial" (p. 26). Sob que condição os autores e compiladores de idéias da política mundial tiveram "sucesso"? Quais as condições para que as idéias e sistemas filosóficos possam concretizar-se, numa repercussão na história geral das idéias e na sua concatenação com o fluxo contínuo da história? O autor nos dá inúmeros indicações neste sentido, indicações porém espalhadas no livro, tão rico em material que, como nos parece, teria sido de sumo proveito sistematisar, numa análise teórica mais rigorosa, as interrelações e influências mútuas entre a história das idéias e a história propriamente dita. Que o autor não tenha prosseguido desta forma, parece-nos ser, de um lado, uma consequência natural e quase fatal da abundância ilimitada no material analisado neste trabalho pioneiro, e, por outro lado, o efeito da estrutura dada ao livro: depois de um capítulo introdutório-teórico o autor trata do desenvolvimento das idéias da política mundial nas suas etapas cronológicas e, dentro delas, em parte segundo conceitos históricos e teóricos (ideologia de cruzadas, a República Comercial Mundial, balança mundial etc.), na maior parte, porém, segundo os autores. Uma tal disposição do livro, além de dificultar visivelmente o desenvolvimento de um nível teórico mais rigoroso, dificulta e às vezes torna árida a leitura. Esperamos que o segundo volume, já anunciado, traga um índice dos assuntos para que o leitor possa orientar-se melhor e mais facilmente sobre questões específicas. O pensamento e as campanhas abolicionistas, para lembrar uma questão relevante, por exemplo, para a História do Brasil, formam um aspecto de sumo interesse e importância no pensamento político, assim como, ainda o surgimento, através de um grande número de autores, das idéias da emancipação política das colônias européias, e muitos outros exemplos, para os quais o livro oferece uma ampla documentação.

Entre os muitos assuntos da maior importância, tratados no livro em apreço, destaca-se o papel que o comércio mundial desempenhou (e ainda desempenha) como inspirador, veículo e fôrça dinâmica da política mundial, papel que se reflete e condensa nos escritores tratados, levando-os a considerações caracterizadas por um realismo e pragmatismo surpreendentes e, sobretudo, pela firme vontade de usar o comércio mundial não só como garantia da própria prosperidade, mas também e sobretudo como melhor precursor de uma verdadeira política de dominação mundial. Os manuais e enciclopédias comerciais dos séculos XVI e XVII estão cheios de considerações com uma visão mundial. Hugo Grotius, o primeiro grande defensor da "liberdade dos mares", conta entre os esecritores holandeses e ingleses envolvidos na contenda secular entre

as forças marítimas protestantes e católicas-ibéricas, defendendo a "liberdade" e tendo em vista a substituição do monopólio luso-espanhol pelo monopólio próprio; o autor distingue, porém, entre o que parece pura camuflagem e a auto-dinâmica e independência que tais doutrinas assumem (p. 68-69). Sir Walter Ralegh, grande navegador e importante escritor da época elisabetana, formulou de forma clássica esta máxima clássica da política inglesa: "For whoever commands the sea commands the trade; whoever commands the trade of the world commands the riches of the world, and consequently the world itself" (p. 119).

A publicação do professor Heinz Gollwitzer deve ser considerada, sem dúvida, como uma obra pioneira de maior interesse e mérito, e que deverá tornar-se, não temos dúvida, um livro clássico da história das idéias e da política mundial.

JOHANNES AUGEL

* *
*

DEUTCHER (Isaac). — *Las raíces de la burocracia*. Editorial Anagrama. Barcelona. 970. Coleção "Cuadernos Anagrama" nº 1. Série "Documentos".

O "caderno" compõem-se de três conferências sôbre o tema "burocracia" pronunciadas em 1960 na *London School of Economics*.

A burocratização crescente das sociedades contemporâneas ocupa a posição central nas conferências e no pensamento teórico político em geral. O fenômeno é observavel não só nas sociedades "ocidentais" onde teóricos chegam a afirmar que um "sistema gerencial" quase chega a substituir o capitalismo, como também nas sociedades "pós-capitalistas" do bloco soviético, especialmente na União Soviética.

O fenômeno só foi examinado de forma parcial pelos teóricos políticos e faz-se necessário formular uma "teoria da burocracia", mais completa e satisfatória do que as existentes. O "campeão da burocracia" no ocidente, Max Weber, formulou suas teses "viciadas" pela situação objetiva em que viveu. Pensadas que foram no interior da mais burocrática organização política que se tem conhecimento, o Estado Prussiano, projetam essa situação numa construção teórica generalizadora sem muito rigor histórico. O modelo burocrático prussiano, ainda que possua verdades universais, não abrange toda a verdade da burocracia.

Essa limitação teórica por uma determinada situação objetiva, precisa de ser superada.

Num outro limite, temos a concepção anarquista da burocracia e do Estado, cujos representantes mais ilustres (Proudon, Bakunin e Kropotkin) teorizam a rebelião intelectual da França e da Rússia contra a burocracia.